

FRANCK KANYINDA MUKENDI
Mestre de Noviços

Assim falou Jesus

Assim surgiu a Vida Consagrada



Nihil Obstat

20.05.2013

Padre Ezequiel Pedro Gwembe S.J.

Imprimatur

10.06.2013

† Francisco Chimoio

Arcebispo de Maputo

Capa: Departamento Gráfico Paulinas

Ilustração da capa: *Jesus prega às multidões*, Cornelia Rota

Pré-impressão: Paulinas Editora – Prior Velho (Portugal)

Impressão e acabamentos: Artipol – Artes Tipográficas, Lda. – Águeda (Portugal)

Depósito legal: 364 998/13

ISBN 978-989-673-326-1

© 2014, Inst. Miss. Filhas de São Paulo – Moçambique

N.º de registo 7785/RLINLD/2013

Centro de difusão: PAULINAS

Livraria e Audiovisuais

Avenida Eduardo Mondlane, 1536

Maputo (Moçambique)

Tel. 21 32 46 71 – Fax 21 30 42 57

e-mail: paulinas@tvcabo.co.mz

© 2014, Inst. Miss. Pia Soc. Filhas de São Paulo – Angola

Centro de difusão: PAULINAS

Centro Multimédia de Evangelização e Cultura

Rua Rei Katvavala, 162 – C.P. 10 050

Luanda (Angola)

Tel./Fax 222 44 68 82 – 222 44 66 75

e-mail: paulinas.ang@ebonet.net

As Irmãs Paulinas são mulheres consagradas a Deus numa congregação religiosa, e dedicam as suas vidas ao serviço do Evangelho e do povo, como apóstolas no mundo da comunicação social, certas de que este é o caminho para anunciar Jesus Cristo, hoje.

*Dedico esta obra
ao meu Mestre dos Noviços,
Padre Germán Fresán Arbonies ss.cc,
e ao meu irmão mais velho nos Sagrados Corações,
André Van Kampen ss.cc,
que adormeceu com os nossos fundadores ss.cc
na casa da perpétua luz eterna.*

AGRADECIMENTOS

Ao professor Brazão Mazula e à sua esposa Beatriz Mazula, pelas partilhas profundas sobre a nossa fé em Jesus Cristo, pelas suas observações e pelo testemunho da sua vida.

À minha irmã Beatriz Jossefa Magadu Cupane e ao seu esposo Alberto Cupane, por nos ter ajudado a corrigir com muito carinho o nosso manuscrito.

Aos meus confrades: padre Javier Álvarez-Ossorio (o nosso Superior-Geral), padre Camilo Sapu Malangu (Vigário-Geral), padre Willy Mpia Makila, padre Jean Blaise Mwanda Ndozi, diácono Nicodemo Tshiamala e aos nossos noviços, Ben Kumungo e Cédric Benonga, pelos seus apoios, críticas e conselhos.

Aos cristãos do núcleo Cristo Rei da Paróquia Beata Clementina Anuarite de Boane, pelas suas informações sobre as nossas tradições africanas.

A todos que, direta ou indiretamente, contribuíram em ideias e observações para que esta obra chegasse ao fim.

Os últimos 50 anos do século passado foram caracterizados pela revolução na área das novas tecnologias de informação e comunicação. A primeira e a principal característica continua a ser a velocidade da eficácia da sua produção qualitativa. Nisto se diferencia da Revolução Industrial do século XVIII, eficaz, sim, mas lenta e pesada.

Hoje, quando se compra um computador ou *laptop*, recém-chegados ao nosso mercado, não se pode ter certeza de que sejam da última geração. Enquanto isso, dias depois somos surpreendidos com um outro modelo de computador ou *laptop* mais leve, com maior capacidade, de dimensões menores, de qualidade superior, que acaba de ser lançado no Japão ou EUA. Uma outra característica é a capacidade que essas tecnologias têm de se desafiar a si próprias, procurando ultrapassar qualquer tipo de barreira e melhorando as suas performances. Explora-se ao máximo a potencialidade desse elemento chamado *bit*, tão minúsculo quão invisível e virtual. É assim que a informação mais distante nos chega em questão de segundos. A essa mesma velocidade um estudante universitário pode, por exemplo, comunicar-se com o seu mestre que está noutro continente; duas equipas de cirurgiões, distanciadas fisicamente, podem, através da telemedicina, intervir sobre um mesmo paciente, de forma simultânea.

Hoje, já não é absolutamente necessário deslocarmo-nos para assistirmos a uma conferência que decorre noutro país ou continente, porque o sistema de teleconferência permite congregiar públicos heterogêneos e colocar os assistentes em intercomunicação eficiente através do ecrã de um computador. Essa revolução não só maravilha as pessoas, como governa países e o mercado, dirige as mentes, molda os comportamentos humanos e constrói valores típicos. Faz acreditar que o que se veicula pela internet, por exemplo, é a última palavra na matéria e, por conseguinte, deve ser assumido *ipsis verbis*, sem discussão. Tanto a quanti-

dade de informação como a variedade de modelos bombardeiam-nos, inundam as nossas cabeças, não dando tempo para questionar a sua eticidade, duvidar sobre a sua validade, e muito menos dão espaço para outras opções, entrando assim em contradição com a democracia que assenta na liberdade de escolha. Em suma, não dão tempo para ser altercadas. O mais estranho é que o homem inventor dessas tecnologias, criadas para seu instrumento, acaba por tornar-se, ele próprio, instrumento delas, e a sociedade, seu espaço de consumo.

Outra característica, ainda, é a eficiência globalizante dessas tecnologias. As novas tecnologias impuseram-se no mundo como o novo deus que se propõe salvar os homens da pobreza, da fome, da doença, da ignorância, da miséria e, ousadamente, das crises de fé. Para usufruto das suas conquistas e dos seus valores, o mundo deve tornar-se uma aldeia global, em que o global chega ao local e o local se integra no global. Criaram a *e*-sociedade, a *e*-civilização e a *e*-cultura, ou seja, sociedade, civilização e cultura digitais.

Curiosamente, ainda nesta segunda década do século XXI, o homem já anda desapontado com as promessas da globalização do mercado. A fome continua a agravar-se, nos países pobres. As guerras intra e interestados parecem ressurgir com muita força. Os extremismos e fundamentalismos religiosos e políticos são retomados com virulência, quando se esperava que o período posterior à II Guerra Mundial fosse de consolidação da paz. Essas mesmas tecnologias de comunicação e informação parecem refinar os mecanismos que a corrupção utiliza para se impor cada vez mais.

Os países fabricantes de armas aperfeiçoaram a sua indústria armamentista, que produz, satiricamente, as espetaculares «armas inteligentes». O homem *outro* tornou-se campo de ensaio da eficiência dessa indústria bélica. Cultivou-se o princípio de que o outro homem, o outro Estado ou país, são potenciais inimigos e, por isso, é preciso precaver-se e, se possível, tomar a iniciativa do primeiro ataque militar, como postura defensiva.

É nesse contexto que o presente livro – *Assim falou Jesus* –, que agora é oferecido ao público, deve, no meu entender, ser lido e refletido. O padre Franck Kanyinda Mukendi, ss.cc., com muita coragem, numa linguagem clara e didática, mostra que a Igreja, como instituição

humana, não passa incólume aos efeitos (positivos e negativos) da globalização. Com coragem, porque ele não esconde as picadelas da globalização na sua vida interior, como sacerdote e religioso. Portanto, não escreve só para os outros, mas também para si mesmo. Por isso, redobra a coragem para refletir sobre os três pilares da vida religiosa que são as virtudes da castidade, da pobreza e da obediência.

Num livro pequeno em volume, mas condensado em conteúdo, busca argumentos das suas teses na Antropologia, na Filosofia, na Psicologia, na Teologia, nos documentos oficiais da Igreja, como os do Concílio Vaticano II, e, sobretudo, na Sagrada Escritura. Como africano, preocupa-se em perceber se as três virtudes da vida religiosa encontram explicação na cultura africana. E constata que sim.

Nessa sua dissertação desenvolve basicamente três teses. A primeira diz que a castidade, a pobreza e a obediência não são virtudes exclusivas dos religiosos. A castidade, por exemplo, é pedida igualmente aos homens e mulheres casados, como a qualquer jovem que ama a sua vida e conserva o seu corpo para o momento próprio da relação sexual sadia, no casamento. A virgindade, a continência e o próprio celibato, disciplinas bastante controversas pelo relativismo ideológico e pela «cultura do descartável» da globalização, são igualmente incentivados a certas pessoas, por toda a sua vida, para o bem da comunidade. A segunda tese diz que a vivência dessas virtudes e dons não retira a liberdade da pessoa consagrada à vida religiosa. Pelo contrário, elas só têm sentido quando vividas em liberdade e fé. Por exemplo, na virtude da obediência não se trata de obedecer cegamente às ordens, e o autor mostra o tipo de relação social que se deve estabelecer entre o religioso e os seus superiores, na esteira do documento conciliar sobre a vida religiosa. A terceira tese, constantemente vincada no livro, tirando dúvidas a quem as tem e aos céticos, diz que os votos de castidade, pobreza e obediência, inclusive o do celibato, encontram fundamentos no próprio Jesus Cristo, que amou tanto os homens que se sacrificou por eles para a sua salvação.

A riqueza dessas virtudes reside quando elas são vividas como «dons de Deus, como carismas». Nesse sentido, a castidade, a virgindade, a continência, os votos da pobreza e da obediência não são descartáveis. Na vida sacerdotal e na vida religiosa, são essencialmente

uma maneira específica de viver a fé e a liberdade por amor a Deus, à Igreja e aos homens.

É um livro que se não deve ler às pressas, como se fosse um romance. Cada página exige reflexão, circunspeção e escuta à voz interior em permanente diálogo com Cristo Jesus.

Não tenho mais nada senão felicitar ao padre Franck por esse contributo valioso para o crescimento da Igreja em Moçambique e em África, em geral. Na prática, dá-nos a todos nós, cristãos e não cristãos, luzes de como vivermos a fé em Deus nessa era de globalização e das novas tecnologias de informação e comunicação, que procuram relativizar e desafiam os valores fundamentais da vida humana e da fé. Falando de outra maneira, o padre Franck procura tornar eficaz a globalização na medida em que ela traz também benefícios ao próprio homem. Na exortação apostólica *Africae munus* (2011, n. 86), o papa Bento XVI diz que a realidade da globalização é «um desafio a enfrentar», pelo que a Igreja deve procurar «empenhar-se sem cessar por favorecer uma orientação cultural personalista e comunitária, aberta à transcendência». É o que o padre Franck faz neste livro.

Maputo, 29 de janeiro de 2013.

BRAZÃO MAZULA

INTRODUÇÃO

A Igreja existiu antes da vida religiosa institucional. Isto significa que a vida religiosa começou a existir num determinado momento da história da Igreja. Ela é apenas uma forma de vida cristã. Ela pode desaparecer e a Igreja, Corpo Místico de Jesus Cristo, continuará com a sua missão.

Os valores que sustentam e alimentam a vida religiosa são, antes de tudo, valores para todos os cristãos. A prova é que a vida religiosa está enraizada nos compromissos batismais, e o que ela exige dos religiosos faz parte da antropologia cristã. Jesus não pertencia a nenhuma classe da elite religiosa do seu tempo. Era só um simples seguidor da religião judaica.

Historicamente, a vida religiosa nasceu na perspectiva da *fuga mundi* (a fuga do mundo). Alguns cristãos daquela época entenderam que o caminho para a transformação do mundo deveria passar pela transformação interior do humano, pois sendo diferente do mundo é que se podem operar as profundas transformações. Esses cristãos fugiram do mundo com a intenção de se trabalharem interiormente, lutarem com os seus próprios demónios.

O que movia esses cristãos, desde o começo, era o exemplo e o ensinamento de Jesus¹. Do encontro com a pessoa de Jesus, brotou uma forma de vida que o tornasse visível no meio dos homens. Logo, esses homens e mulheres foram reconhecidos na Igreja como irmãos e irmãs de Cristo. Ao vê-los, as pessoas vislumbravam comportamentos e reflexos, típicos de Jesus Cristo. Sendo irmãos de Cristo, eram também irmãos de todas as pessoas, em particular dos pobres. Entre eles, pela sua fé em Jesus e pela missão que tinham na Igreja, constituíram novas

¹ Cf. JOÃO PAULO II, Exortação apostólica pós-sinodal *Vita Consecrata* (trad. port.: *Vida Consagrada*, Lisboa, Paulinas Editora, 1996), n. 1.

famílias alicerçadas na palavra de Jesus. Viviam uma fraternidade que ultrapassava fronteiras, culturas, ideologias...

Assim sendo, apareceu, na Igreja, a vida religiosa, como algo que nos vem de fora, de Deus. A seu respeito, não existe nenhum mandamento. A Igreja reconhece-a como uma graça que faz entender «a natureza íntima da vocação cristã»². Para a Igreja, é legítimo que uns cristãos sintam o apelo do Senhor e, conseqüentemente, abracem esse estado de vida.

Ao longo da sua história, a vida religiosa, para além da sua característica específica (prefiguração daquilo que seremos amanhã), apresenta particularidades aleatórias ligadas ao tempo. Isto leva-nos a encarar dificuldades e mudanças dentro desta forma de viver o Batismo cristão. Conforme o Espírito vai inspirando a Igreja, essa forma de vida foi suscetível às adaptações e mudanças profundas.

Nestas páginas, quero convidar cada um de nós a ver a vida religiosa, ou melhor, a vida consagrada, como fruto do Espírito de Deus para a Igreja, esposa mística de Jesus. É o Espírito que veste a sua Igreja com a variedade de dons para os seus filhos. É o Espírito que reveste a Igreja com a diversidade de meios de graça para realizar a sua missão no mundo. Vale a pena entusiasmar-nos, perante esta forma de vida. Que as dificuldades e crises atuais não nos roubem a beleza desses dons.

Limitar-me-ei, ao longo do livro, aos três conselhos evangélicos, para restituir aos nossos corações a beleza duma vida dada ao Senhor. Mas, antes de tudo, gostaria de situar e apresentar a visão global da Igreja sobre a vida consagrada. Isso ajudar-nos-á a compreender melhor a natureza dessa graça que carregamos, em barros frágeis da nossa natureza humana.

Um olhar da Igreja sobre a vida consagrada

Como explanado acima, a vida religiosa³ não foi algo que começou com o nascimento da Igreja. Contudo, é muito difícil dizer com preci-

² Decreto do Concílio Vaticano II *Ad Gentes*, n. 18.

³ Não é nossa preocupação debruçarmo-nos sobre a distinção entre a vida religiosa e a vida consagrada. Hoje, a Igreja usa mais a expressão *vida consagrada*; ela é mais abrangente do que a

são como surgiu⁴, sabendo que ela nasceu da experiência feita com Deus. Sem essa experiência de Deus, não se consegue abraçar um estado de vida como esse. É a experiência de Deus que fundamenta a vida religiosa. Graças a ela, a vida religiosa alimenta-se, fortifica-se e consolida-se através dos tempos. Sem ela, a vida religiosa perde o seu sabor e pode ser arrumada nos arquivos do passado.

Na experiência com Deus, é Deus que é o protagonista. Ele faz-se presente, toma a iniciativa de autocomunicar-se ao homem como dom e como graça. Não se trata de fantasia, de criatividade da nossa imaginação. Experimenta-se Deus, ao ser-lhe referido, remetido como Absoluto e como Mistério.

Na sua manifestação, Deus revela-se como força irresistível de atração. Santo Agostinho reconhece essa força irresistível nesses termos:

*(...) Esse homem (...) deseja louvar-vos. Vós o incitais a que se deleite nos vossos louvores, porque nos criastes para Vós e o nosso coração vive inquieto, enquanto não repousa em Vós.*⁵

Para Santo Agostinho, Deus manifesta-se como clamor a ser ouvido, perfume a ser sentido, fome e sede a serem saciadas. Essa experiência de Deus arrasta a pessoa a ouvi-lo, a senti-lo, a saboreá-lo, a bebê-lo.

Santa Teresa de Jesus exprime a mesma experiência, de maneira poética, nos seguintes termos:

*Vivo sem viver em mim,
E tão alta vida espero
Que morro porque não morro.
Vivo já fora de mim
Depois que morro de amor.*⁶

primeira. Aqui, porém, e por motivos históricos e eclesiais, dar-nos-emos a liberdade de usar quer uma, quer outra, sem qualquer preocupação de precisão.

⁴ Os cristãos de diferentes épocas viveram de maneira particular o seu desejo de seguir o Senhor na radicalidade. Desde o começo (Atos, 21,8ss), ainda na primeira comunidade cristã, já temos exemplos de consagração ao Senhor.

⁵ Santo Agostinho, citado por João Batista Libânio, *Vida religiosa sempre a renascer*, Lisboa, Paulinas, 1995, p. 44.

⁶ *Ibidem*, p. 45.

Com toda a evidência, a experiência de Deus é uma experiência de liberdade, face a um Deus, que se faz cativo por nós. Só Ele basta para nós. Essa experiência plenifica a afetividade humana na sua profundidade. Nela, Deus é experimentado como o Tudo, a certeza indefinível, o amor inefável. Por causa dele, o homem é capaz de tudo abandonar.

Ao longo da sua história, a Igreja foi reconhecendo que a profundidade da experiência de Deus não vem do conhecimento, ou da inteligência humana, mas da afetividade. Por isso, pessoas simples, que não estudaram, puderam, na história da Igreja, e podem, ainda hoje, experimentar a Deus, em níveis muito mais profundos que os sábios e inteligentes deste mundo, para quem Deus nada significa.

Convencida desta intimidade com Deus, a Igreja não tardou em reconhecer o dom de se consagrar ao Senhor como um estado legítimo de vida. Foi, de facto, essa liberdade do Espírito que também levou muita gente a reivindicar o reconhecimento pela Igreja deste estado de vida, como algo que brota da escuta profunda da Palavra do Senhor. É só o Senhor que pode explicar esse estado de vida. Não compete a ninguém criticar ou desvalorizar o que Deus suscitou no meio do seu povo!

Conforme vem nos documentos da Igreja, a vida consagrada é um estado de vida que mostra de maneira particular a primazia do Reino de Deus. Este estado mostra as exigências mais altas do Reino do Céu.⁷

Na sua forma mais elaborada, a vida consagrada resume-se nos três conselhos evangélicos. De acordo com a história da vida consagrada, esses conselhos devem aprofundar-se de maneira contínua por um amor mais forte e mais sincero. Sem o amor a Cristo, que nos chama a uma intimidade com Ele, não seria possível falar da vida consagrada.

A exemplo de Cristo, que se despojou por amor ao Pai e aos homens, a vida consagrada na Igreja é um acolhimento das graças do Espírito Santo, que revela aos homens o que o coração humano não poderia suportar no princípio do mundo. Mesmo se ela está enraizada nos compromissos batismais, a Igreja reconhece-a como uma graça especial, diferente da graça recebida no Batismo. Nem todos os batizados vivem a sua consagração ao Senhor no celibato ou na virgindade. Nem todos

⁷ Cf. JOÃO PAULO II, *op. cit.*, n. 20.

vivem da mesma maneira o desprendimento dos bens⁸. A vida consagrada não é uma consequência necessária do Batismo. Ela é uma graça para além das graças recebidas no Batismo.

É verdade que cada estado de vida vive à sua maneira a castidade, a pobreza e a obediência. O Batismo não comporta em si mesmo o apelo ao celibato ou à virgindade consagrada, à renúncia na aquisição dos bens, à obediência a um superior sob a forma precisa da vida consagrada.⁹

Convém alegrarmo-nos, pelo facto de que o Espírito Santo faz da Igreja uma pluralidade de dons na unidade. Todos os dons são iguais. Os leigos gerem as coisas temporais. Os ministros ordenados gerem o apostolado da Igreja. Os consagrados seguem a Jesus pela prática dos conselhos evangélicos.

Segundo a sua manifestação, a vida consagrada tem diferentes dons, conforme os carismas dos fundadores. A Igreja exorta os consagrados a viver segundo os carismas dos seus fundadores. Pois, é daí que se visualiza a gama das riquezas do Espírito Santo para com a Igreja, no seu todo. A vida consagrada é uma vida que a Igreja reconhece e valida na sua constituição como Corpo de Jesus. Pelas promessas ou votos (públicos ou privados), a Igreja assume a paternidade dos dons de diferentes carismas. Não pode, portanto, existir nenhuma forma da vida consagrada sem o reconhecimento da Igreja. A Igreja assume as riquezas dessa vida e também as suas crises no tempo atual.

As crises na vida consagrada

A vida consagrada, sendo um acontecimento da Igreja, não é poupada às crises atuais da cultura do «*descartável*». A Igreja está consciente destas crises. O nosso mundo de hoje exalta a liberdade. A questão de fundo é: Que liberdade? Em nome da liberdade, muitos cristãos caem na tentação de erguer o egoísmo ao nível da religião mundial. Em nome da liberdade, muitos cristãos consagrados levam uma vida sem

⁸ Cf. *Ibidem*, n. 36.

⁹ Cf. *Ibidem*, n. 30.

nenhuma referência. O que está em causa não é apenas a forma da vida consagrada como tal, mas a fé em Jesus Cristo. Em nome da liberdade, muitos crentes têm respostas imediatas, respostas não refletidas e não amadurecidas, desde o âmbito da aliança com Deus. A fragilidade desta noção da liberdade consiste em ver tudo a partir da perspectiva individual. Torna-se difícil comprometer-se de maneira estável e definitiva. Ser livre é sinónimo de busca da felicidade a qualquer custo, sem nenhum referencial. Tudo está reduzido à mera vontade do indivíduo, como afirma José Lisboa¹⁰.

A cultura do «descartável» não tem piedade da solidariedade como valor humano. Essa cultura mata todos os simbolismos da vida. Não admira que, dentro dessa cultura, se perca o simbolismo dos votos religiosos, a seriedade dos compromissos matrimoniais...

A cultura do descartável elogia a falta de verdade na vida¹¹. Com essa cultura, é louvável o facto de não se verificar, nos comportamentos dos que anunciam a Palavra do Senhor aos outros, uma coerência de vida. Não são os que vivem mal a sua vida de fé que incomodam. Nessa cultura, os que se esforçam por viver honestamente não têm direito de cidade. Facilmente são combatidos e excluídos. Com essa cultura, o modelo da vida religiosa deixou de ser a cruz de Jesus, pedra angular, para se caracterizar na busca duma felicidade sem esforço. Essa cultura parece ter convidado o diabo, no meio dos nossos conventos, para nos falar do amor, enquanto ele é o pai de mentira e de ódio. Os construtores dessa cultura do descartável, nas nossas famílias religiosas, abandonaram tudo o que tem a ver com as virtudes para se entregarem a uma vida sem pudor, erguendo-se em bandos de ladrões e malandros. Infelizmente, é esse modelo de vida que tem muita aceitação nos jovens. Com muita facilidade, os jovens religiosos deixam-se encantar por esse modelo de gente sem pés no chão, gente que vive sempre com um plano B escondido a sua vida consagrada. Até quando haveremos de suportar este tipo de vida sem verdade?

Nas suas orientações gerais, o Novo Testamento afirma que a ver-

¹⁰ Cf. JOSÉ LISBOA MOREIRA DE OLIVEIRA S.D.V., *Viver os votos em tempos de pós-modernidade – Desafios para a vida consagrada*, São Paulo, Loyola, 2001, p. 25.

¹¹ Cf. AMEDEO CENCINI, *La verdad de la vida – Formación continua de la mente creyente*, Madrid, San Pablo, 2008, pp. 1-50.

dade para os cristãos não é só questão simplesmente intelectual, teórica ou ideológica, como se observa nas ciências naturais. A verdade para o cristão deve ser questão vital, uma questão que se verifica na existência dos que creram em Jesus. A verdade cristã deve averiguar-se na vida prática, e não nas teorias. *Ela é uma repercussão da vida de Jesus na vida do crente.* Sem essa repercussão, não se pode falar da verdade cristã. A verdade cristã é a adesão da mente à pessoa de Jesus e, conseqüentemente, a coesão na existência. A verdade cristã é a coerência entre aquilo que sentimos e aquilo que dizemos. Ela é a coesão daquilo que se acredita e daquilo que se vive. Será que a vida consagrada atual oferece ao mundo de hoje pessoas verdadeiras? Será que a nossa experiência de vida é uma história que se constrói com a pessoa de Jesus?

Nestes últimos tempos, muitos jovens abandonam a vida consagrada, ou não querem aventurar-se nela. Será que lhes falta a fé? Acho que não é simplesmente por falta de fé que a vida consagrada não é adotada. Acredito que lhes faltam também experiências da verdade cristã nos comportamentos dos mais velhos. Não se verifica nos mais velhos o anseio pela autenticidade de vida. Tudo acaba por valer a mesma coisa, na vida, para os jovens. A vida consagrada perde então o seu sabor, já não diz grande coisa aos jovens.

Uma vez, alguém mais velho que eu admirava muito, mas que, infelizmente, acabou por sair da vida consagrada, dizia-me: «Como me sinto feliz agora! Passei muito tempo na minha vida sem descobrir o que era o amor. Agora, posso dizer que vivo do amor e sei o que ele significa de verdade.» Até que ponto essas afirmações são verdadeiras?

Com muito respeito, posso agradecer ao meu mano pela descoberta feita. Mas noto que lhe faltou a verdade. Não foi por causa do amor que ele abraçou a vida consagrada? Não foi por amor que estudou a Filosofia, a Teologia, e fazia experiências pastorais? Não foi por amor que aceitou ser irmão de Jesus, na forma concreta da vida consagrada?

Sem dúvida, esse tipo de linguagem é típico de crise. O evangelista Marcos relata-nos uma situação típica de crise com a pessoa de Herodes. Herodes tinha muito gosto em escutar o profeta João Batista, na sua qualidade de homem de Deus. Ao mesmo tempo, tinha também preferência pela mulher do seu irmão. Como o gosto pela verdade não tinha nele fundamento sólido, Herodes acabou sacrificando-o pelo segundo

gosto, o da mulher do seu irmão (cf. Mc 6,17-29). No tempo de crise, vale a pena interrogar-se sobre o seu verdadeiro gosto.

Escrevendo para o consagrado e para a consagrada deste tempo, quero levar a sério as crises que estamos enfrentando. Quero sentir com eles a frustração que essas crises provocam, mas ao mesmo tempo apontar para um futuro melhor. Nós somos um povo de aliança. Na nossa aliança com Deus, contamos com a fidelidade dele, e não com a nossa. Vale a pena ainda entusiasmar-nos com o dom da vida consagrada que o Senhor nos ofereceu. Na aliança com Ele, já derramou sobre o nosso percurso, aqui na terra, todas as provisões que necessitamos para a nossa viagem. Fez connosco uma aliança que comporta promessas e deveres. A particularidade da aliança de Deus para connosco é que Ele permanece ligado àquilo que prometeu. Não se pode evocar nenhum caso de força maior para romper essa aliança. Deus está ligado à sua promessa! O nosso dever é lembrar-lhe o que nos prometeu. É nosso dever contar com a sua Palavra.

Estou convencido que lendo este livro, vai encontrar o entusiasmo para continuar a confiar no Senhor. Solicitei muitas orações, de muitos cristãos, para si que está a ler este livro. Que as promessas que o Senhor fez para nós se realizem, e que o próprio Jesus volte a ensinar-nos, para que o Espírito Santo possa produzir frutos da conversão em nós.

ÍNDICE

Agradecimentos	5
Prefácio	7
Introdução	11
<i>Um olhar da Igreja sobre a vida consagrada</i>	12
<i>As crises na vida consagrada</i>	15

CAPÍTULO I A GRAÇA DE CASTIDADE

Introdução	19
A castidade no celibato	19
Definição dos conceitos-chave	20
a) <i>Celibato</i>	20
b) <i>Castidade</i>	21
c) <i>Virgindade</i>	21
d) <i>Continência</i>	22
O significado antropológico do celibato voluntário	23
A castidade, no celibato consagrado e no matrimônio cristão	24
O celibato na Sagrada Escritura	29
a) <i>O celibato no Novo Testamento</i>	30
b) <i>O celibato no Antigo Testamento</i>	33
c) <i>O que Jesus disse sobre o celibato</i>	34
d) <i>Alguns elementos do sentido do celibato de Jesus</i>	39
Testemunho de alguns Apóstolos	41
<i>Paulo de Tarso</i>	41
<i>Apóstolo João</i>	44
Passos do celibato cristão: da primeira comunidade cristã até hoje	44
<i>Como encarar as dificuldades?</i>	44
Sombras e luzes no celibato consagrado (escolhido)	46
Conclusão	50

CAPÍTULO II

A GRAÇA DA POBREZA RELIGIOSA

Introdução	53
Uma experiência reveladora	53
O que é a pobreza de Jesus	54
Pobreza religiosa, prática duma convicção pessoal	55
Uma pequena clarificação nas definições dos conceitos	56
<i>Pobreza material ou real</i>	56
<i>Pobreza humana</i>	57
<i>Pobreza espiritual</i>	57
O pobre na Bíblia	58
A experiência psicológica de possuir	60
a) <i>A fase oral</i>	60
b) <i>A fase anal</i>	61
c) <i>O período edípico</i>	62
d) <i>O período de adolescência</i>	63
O voto de pobreza	64
A pobreza, exigência da missão de Jesus	65
Conclusão	71

CAPÍTULO III

OBEDIÊNCIA, CONSELHO DE CRISTO PARA TODOS

Introdução	73
O entendimento da obediência no Cristianismo	73
<i>Deificação da função do(a) superior(a)</i>	75
<i>A idealização do individualismo</i>	78
O modelo da fé de Jesus	79
A experiência humana de obediência	81
Tipos de obediências humanas	83
a) <i>A obediência filial</i>	83
b) <i>A obediência militar</i>	84
c) <i>A obediência escolar</i>	84
d) <i>A obediência laboral</i>	85
e) <i>A obediência social</i>	85
A obediência na Bíblia	87
Características da obediência da fé	87
a) <i>A obediência religiosa não é um ato pontual</i>	87
b) <i>A obediência da fé promove a criatividade e a personalidade de quem obedece</i>	88

<i>c) A obediência religiosa deve basear-se num projeto de vida evangélico</i>	88
<i>d) A obediência religiosa realiza-se dentro do diálogo</i>	89
<i>e) A obediência religiosa comporta em si a dimensão da Cruz</i>	89
<i>f) A obediência religiosa dá-se só a Deus, e a mais ninguém!</i>	90
<i>g) A obediência religiosa abrange todos os religiosos: superiores e membros</i>	90
<i>h) A obediência religiosa realiza-se na fé em Jesus</i>	91
A parte específica do voto da obediência para os(as) consagrados(as)	91
Conclusão	95
Bibliografia	97
Posfácio	99